

PAPÉIS PARA FINS SANITÁRIOS

Angela Regina Pires Macedo
Elizabeth Tojal Leite*

*Respectivamente, gerente e contadora da Gerência Setorial de Produtos Florestais do BNDES.

As autoras agradecem a colaboração da estagiária Adriana dos Santos Lima.

Resumo

O crescimento do consumo mundial de papéis para fins sanitários (papéis *tissue*) foi de 3,6% a.a. entre 1990 e 1996. No Brasil, a estabilidade conquistada com o Plano Real provocou um aumento de demanda de 8% a.a. no período 1993/96, com o consumo nacional atingindo 490 mil t em 1996, o que representou 26% de acréscimo em relação aos números de 1993. As perspectivas vislumbradas até o final da década para a evolução das demandas mundial e nacional são de taxas anuais da ordem de 3,5% e 6%, respectivamente.

Este artigo analisa, primeiramente, o comportamento recente da produção, do consumo e da comercialização de papéis para fins sanitários (papéis *tissue*) no Brasil e no mundo. Em sua parte final, são traçadas as perspectivas, até o final desta década, para os mercados doméstico e mundial.

Introdução

Os papéis para fins sanitários (papéis *tissue*) apresentam-se sob a forma de diversos produtos finais (tais como papel higiênico, toalha, guardanapo e lenço), possuem baixas gramaturas (15 a 50 g/m²) e são produzidos a partir de diversos tipos de fibras, sendo as longas e recicladas as de maior utilização a nível mundial. A qualidade e o preço são os principais determinantes na competição, mas também a marca associada aos produtos constitui um elemento de diferenciação. As características mais desejadas pelos consumidores são a maciez e a capacidade de absorção, influenciadas, principalmente, pelo tipo de matéria-prima utilizada na fabricação. A fibra de eucalipto produzida pelo Brasil tem conquistado parcelas cada vez mais significativas no *mix* de fibras usado pelos fabricantes internacionais, exatamente por proporcionar maior maciez aos produtos *tissue*.

Produção e Consumo Mundiais

A produção mundial de papéis *tissue* correspondeu, no período 1990/95, a 6% da produção total de papel, com crescimento anual médio ao redor de 3,6%, superior aos 3,2% a.a. registrados para o aumento da produção de papéis de todos os tipos. A produção e o consumo mundiais desta categoria de papel atingiram, em 1995, cerca de 16,5 milhões de t. Os números preliminares de 1996 indicam variações muito pequenas relativamente aos de 1995, devendo a produção e o consumo mundiais situarem-se no patamar de 16,2 milhões de t.

A participação dos principais países na produção e no consumo vem se mantendo praticamente constante nos últimos anos, com 60% da oferta e da demanda mundiais

concentrados em cinco países: Estados Unidos, Japão, China, Alemanha e Canadá. O Brasil foi, em 1995, o 8º produtor e o 9º consumidor mundial (Tabela 1).

Tabela 1

Produção e Consumo Mundiais de Papel Sanitário - 1995

| PAÍS | PRODUÇÃO (Milhões de t) | CONSUMO (Milhões de t) | CONSUMO PER CAPITA (kg/hab./ano) |
|----------------------|------------------------------------|-----------------------------------|---|
| Estados Unidos | 5,63 | 5,64 | 21,4 |
| Japão | 1,56 | 1,56 | 12,4 |
| China | 1,35 | 1,32 | 1,1 |
| Alemanha | 0,87 | 0,88 | 10,8 |
| Canadá | 0,62 | 0,60 | 20,6 |
| Inglaterra | 0,56 | 0,78 | 13,3 |
| Itália | 0,55 | 0,28 | 4,8 |
| Brasil | 0,46 | 0,46 | 2,9 |
| Outros | 4,90 | 4,83 | - |
| Total Mundial | 16,50 | 16,35 | 3,3 |

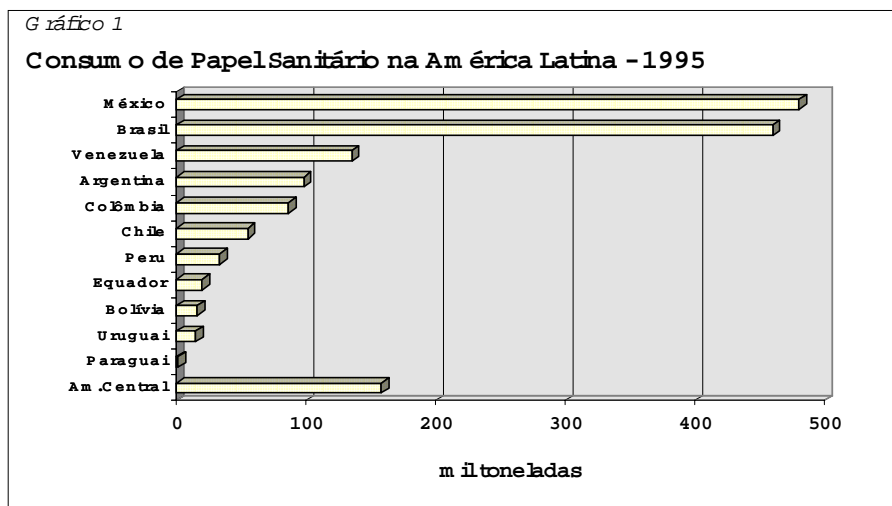
Fonte: BNDES.

A América do Norte apresenta-se como o maior produtor e consumidor mundial, tendo registrado em 1995 e 1996 volumes da ordem de 6,2 milhões de t (38% do total mundial). Com um mercado maduro, o crescimento do consumo norte-americano de papéis *tissue* tem sido da ordem de 1,5% a.a. nos últimos cinco anos. A distribuição entre os produtos - papéis higiênicos (45%), toalhas (36%), guardanapos (13%) e lenço (6%) - difere da média apresentada pelos países em desenvolvimento, onde o consumo é concentrado (de 70% a 80%) em papéis higiênicos. Tal distribuição varia muito de país para país, sendo afetada, principalmente, pelos hábitos culturais, pela distribuição da renda e pelos crescimentos econômico e populacional.

A Europa Ocidental responde por 26% do consumo mundial de papéis sanitários, e os principais mercados, em 1995, localizavam-se na Alemanha (881 mil t), Reino Unido (777 mil t) e França (536 mil t). A vagarosa recuperação econômica e o alto índice de desemprego na Europa afetaram o mercado de *tissue*, levando os consumidores a comprar produtos mais baratos e de menor qualidade, comportamento que se refletiu em promoções e descontos por parte dos fornecedores. Em 1996, após o período das férias no hemisfério norte, o mercado de papel em geral - em especial o de *tissue* - apresentou uma demanda mais forte, embora ainda não se tenha refletido em aumentos significativos nos preços dos produtos.

Com 22% da demanda mundial, o Oriente Médio e o Extremo Oriente (excluindo o Japão) têm registrado as maiores taxas de crescimento para o consumo de *tissue*. Por exemplo, no período 1990/95, a taxa anual foi de 13% na China, 10% na Coreia do Sul e 8% em Taiwan. Tal comportamento é devido não só à melhoria do padrão de vida nesses países, mas também ao aumento do turismo e das redes de lanchonetes. Acrescente-se, ainda, a substituição de produtos tradicionalmente reutilizáveis, como lenços e toalhas de tecido. Ressalta-se que a Ásia (exclusive o Japão) apresentava, em 1995, um consumo médio *per capita* em torno de 0,5 kg/hab., superior somente ao verificado na África (0,3 kg/hab.), onde a República da África do Sul é responsável por mais da metade do *tissue* consumido em todo o continente africano.

A América Latina consumiu, em 1995, cerca de 1,47 milhão de t de papéis sanitários (9% do consumo mundial), sendo de 60% a participação conjunta do México e do Brasil (Gráfico 1). Em termos de consumo *per capita*, os maiores índices dessa região encontram-se no México (5 kg), Chile (4 kg), Brasil (3 kg) e Argentina (3 kg).



Comércio Mundial

A demanda dos papéis sanitários é normalmente atendida por produtores locais, sendo a comercialização mundial inexpressiva (menos de 10% da produção), devido aos seguintes fatores:

- a relação volume/peso eleva o custo unitário do frete;
- as tarifas para importações protegem os mercados domésticos;
- há facilidade de produção a partir de fibras recicladas; e
- o capital requerido para a instalação de novas máquinas é relativamente baixo para uma operação em escala.

Dessa forma, a maior parte das transações se dá entre países localizados na mesma região geográfica, minimizando, assim, as distâncias a percorrer. As exportações mundiais atingem um patamar de 1,6 milhão de t/ano. Os dois maiores exportadores de papéis sanitários são a Itália e a Suécia, que contribuíram em 1995 com volumes de 300 mil t e 153 mil t, respectivamente. Os maiores importadores são a Inglaterra (243 mil t) e a França (173 mil t).

Verifica-se um comércio intenso entre os Estados Unidos, o Canadá e o México. Na Europa Ocidental, Itália, Suécia e Finlândia são exportadores líquidos, enquanto Reino Unido, Dinamarca, Alemanha e Espanha são importadores. Na América Latina, Brasil, Venezuela e Chile são os principais exportadores e a Argentina o maior importador.

Com o amadurecimento do Mercosul, ocorreu uma intensificação do comércio de papel entre seus países membros, sendo o Brasil o principal abastecedor de produtos *tissue* (22 mil t em 1995, metade destinada para a Argentina). O Paraguai representa um mercado potencial, visto que seu consumo *per capita* é inferior a 1 kg/hab./ano.

A comercialização desses papéis também pode ser dividida em dois grandes grupos de consumidores: doméstico, que compreende a demanda dos lares; e institucional, que diz respeito ao consumo de grandes volumes, tais como de redes de lanchonetes, restaurantes, hospitais, escritórios, fábricas, linhas aéreas e hotéis. O consumo para uso doméstico absorve de 60% a 90% do total, dependendo das características de cada país.

As cinco maiores empresas produtoras de papel *tissue* detêm cerca de 47% da produção mundial, sendo quatro norte-americanas (que possuem unidades fabris em diversos países) e uma européia (cuja produção se restringe ao continente europeu). Recentemente, a Kimberly-Clark assumiu a Scott Paper, tornando-se uma megaempresa do setor, com capacidade ao redor de 3,3 milhões de t/ano (20% da produção mundial). Logo após aparecem a James River, com 1,5 milhão de t/ano, a Procter & Gamble e a Fort Howard, cada uma com capacidade instalada de cerca de 1 milhão de t/ano, e por fim a maior empresa européia (SCA/PWA), resultante da fusão da sueca Svenska Cellulosa com a alemã PWA, com 750 mil t/ano. Cabe destacar que a Kimberly-Clark retirou-se do mercado brasileiro após a venda ao Grupo Melhoramentos, em junho de 1994, da sua subsidiária K-C do Brasil.

Nos últimos dois anos intensificou-se a pressão na Europa Ocidental relativa à adoção de selos ambientais para diversos produtos. O *tissue* foi a primeira categoria de papel a ter definida, pela União Européia, uma série de critérios de cunho ambiental, com vigência a partir de janeiro de 1995. Tais critérios visam garantir ao consumidor mínimos impactos ambientais durante o processo de fabricação e constituem-se de exigências quanto à utilização de fibras recicladas e de madeira proveniente de florestas com manejo sustentado, quanto ao consumo de energia e de outras fontes não renováveis e quanto às emissões de efluentes.

Apesar de ser voluntário, acredita-se que as empresas que aderirem ao selo contarão com uma grande vantagem para o *marketing* de seus produtos. Entretanto, as críticas ao *Eco-label* têm sido constantes, principalmente por parte de produtores localizados fora do mercado comum europeu. Em geral, as queixas são relativas à pouca transparência quando da definição dos critérios, à discriminação contra os produtores integrados que utilizam fibra virgem (mesmo aqueles que contam com florestas de manejo sustentado) e os que consomem óleo e/ou carvão como combustível, ao privilégio para produtores da União Européia que usam fibras recicladas e à transformação do selo em barreira ao livre comércio entre países. Discussões à parte, o fato é que as novas máquinas de papéis sanitários, em todo o mundo, estão sendo projetadas para utilização de teores cada vez mais altos de fibras recicladas.

Produção e Consumo Nacionais

O consumo aparente de papéis para fins sanitários no Brasil, no período 1985/96, apresentou uma taxa de crescimento anual de 5%, sendo que entre 1993 e 1996 (após o advento do Plano Real) o consumo elevou-se em 26% (8% a.a.), devendo atingir 490 mil t em 1996 (Tabela 2).

Tabela 2

Brasil: Consumo Aparente de Papéis Sanitários - 1985/96

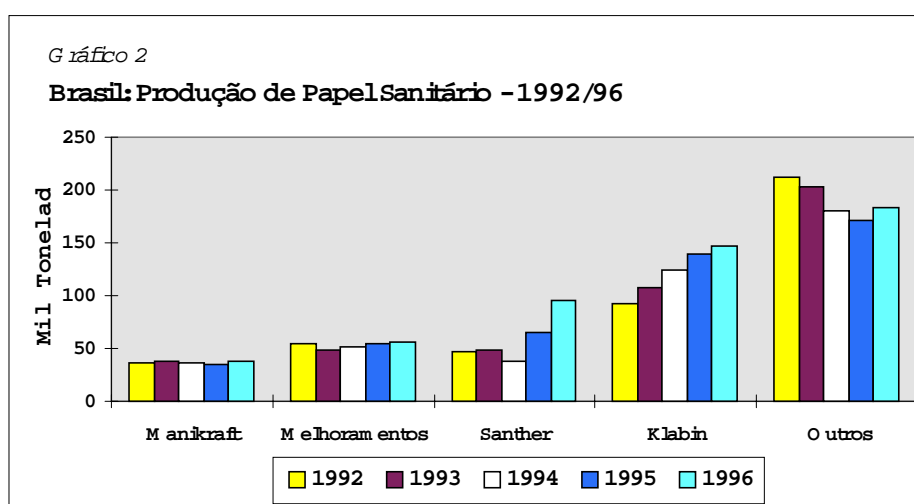
(Em Mil t)

| ANO | PRODUÇÃO | IMPORTAÇÃO | EXPORTAÇÃO | CONSUMO APARENTE | CONSUMO PER CAPITA |
|-------|----------|------------|------------|------------------|--------------------|
| 1985 | 288 | 0 | 1 | 287 | 2,1 |
| 1986 | 294 | 0 | 1 | 293 | 2,1 |
| 1987 | 334 | 0 | 1 | 333 | 1,4 |
| 1988 | 365 | 0 | 2 | 363 | 2,6 |
| 1989 | 376 | 0 | 1 | 375 | 2,6 |
| 1990 | 404 | 0 | 2 | 402 | 2,8 |
| 1991 | 419 | 0 | 3 | 416 | 2,8 |
| 1992 | 442 | 0 | 16 | 426 | 2,9 |
| 1993 | 445 | 0 | 57 | 388 | 2,4 |
| 1994 | 429 | 0 | 15 | 414 | 2,5 |
| 1995 | 466 | 5 | 11 | 460 | 2,9 |
| 1996* | 520 | 6 | 36 | 490 | 3,1 |

Fonte: ANFPC.

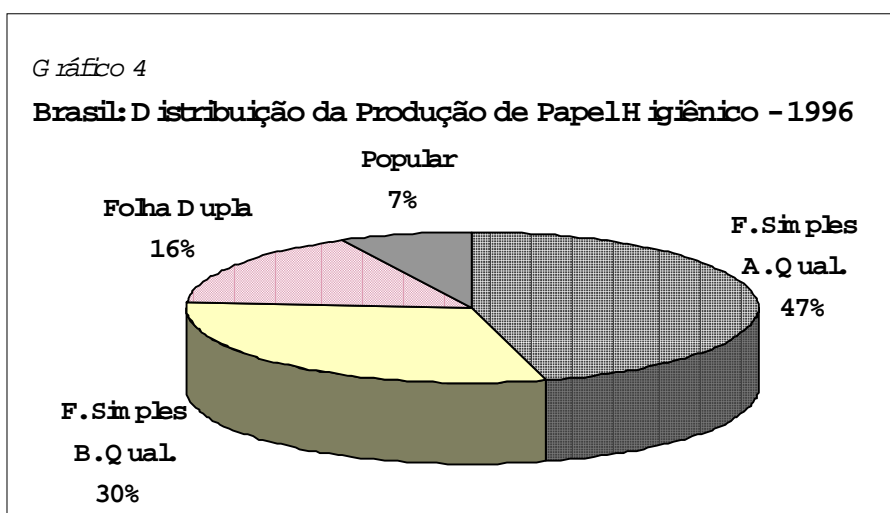
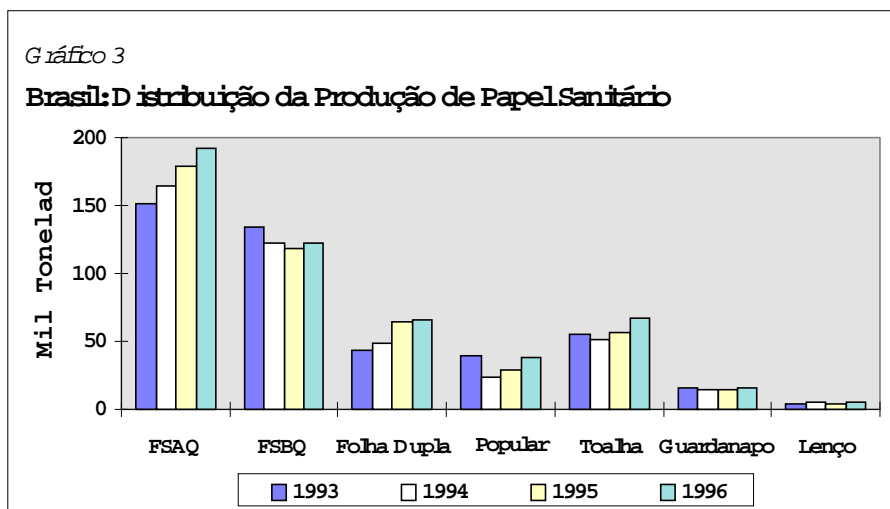
*Dados Preliminares

A produção está concentrada (95%) nas regiões Sul e Sudeste, com São Paulo respondendo por cerca de metade da produção nacional, enquanto na região Norte existe apenas uma unidade industrial localizada no Pará e duas na região Nordeste (Bahia e Paraíba). Em 1995, atuavam nesse segmento 43 empresas, embora 58% da produção venham de apenas quatro produtores: Klabin (27%), Santher (14%), Melhoramentos (10%) e Manikraft (7%) (Gráfico 2).



O crescimento registrado em 1993 no volume exportado foi devido à entrada em operação da máquina da Celucat (ex-Papel e Celulose Catarinense), do Grupo Klabin, com capacidade de 60 mil t/ano. Aliás, em termos de capacidade instalada de *tissue*, o Grupo Klabin ocupava, em 1995, a 17ª posição a nível mundial. Merece registro o início de produção, em julho de 1996, de mais uma máquina na Santher, com capacidade de projeto de 36 mil t/ano.

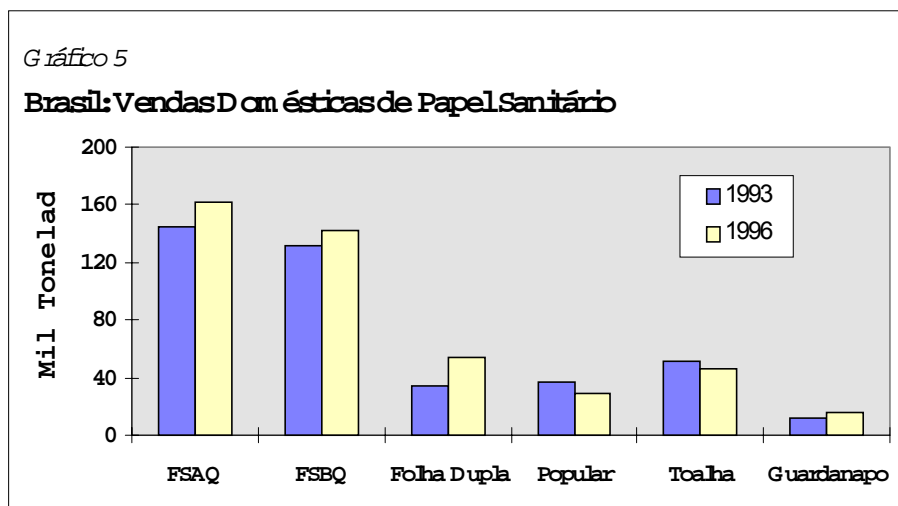
A distribuição da produção de *tissue* pelos diferentes produtos entre 1993 e 1996 revela um crescimento expressivo para os produtos de maior valor agregado, tais como papéis higiênicos folha dupla e folha simples de alta qualidade (Gráfico 3).



Em relação ao ano de 1996, a distribuição da produção mostra o seguinte quadro: papel higiênico (84%), toalha (12%), guardanapo (3%) e lenço (1%). Entre os vários tipos de papel higiênico, o de folha simples de alta qualidade respondeu por 47% da produção, seguido pelo de folha simples de boa qualidade (30%), folha dupla (16%) e popular (7%) (Gráfico 4).

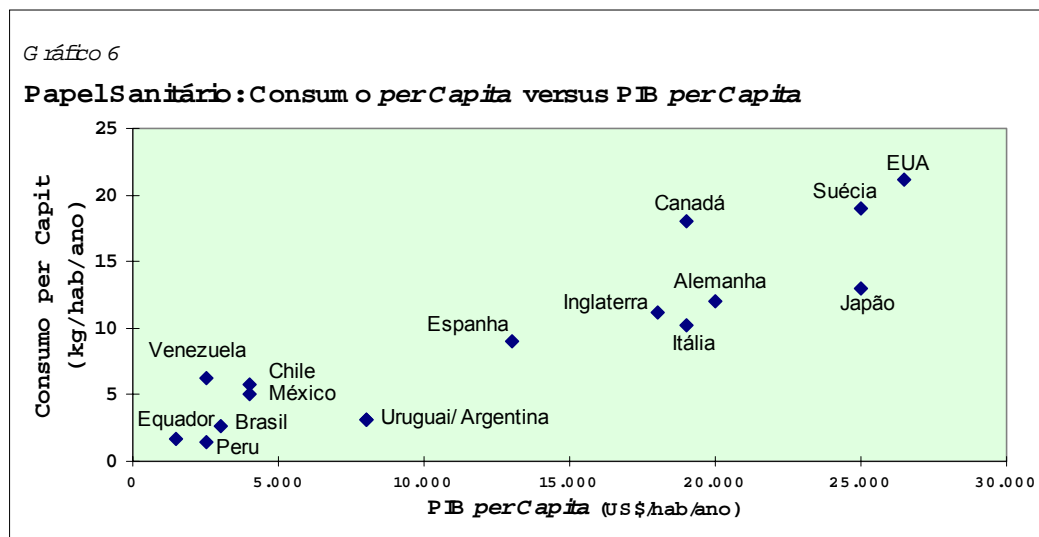
A Klabin domina os segmentos de higiênico folha dupla (77%), higiênico popular (48%) e guardanapos (40%). No tipo higiênico folha simples de alta qualidade, a competição é mais acirrada, com Klabin (31%), Santher (27%) e Melhoramentos (16%) concentrando a produção. Por outro lado, observa-se que os pequenos fabricantes dedicam-se a papel higiênico folha simples de boa qualidade (81%) e toalhas (44%), produtos com grande participação de reciclados.

A melhoria de renda conquistada com o Plano Real provocou um expressivo aumento das vendas domésticas de produtos *tissue*, que se deveu não apenas ao ingresso de novos consumidores de baixa renda, mas também à migração para papéis de melhor qualidade. Observa-se que, entre 1993 e 1996, as vendas domésticas dos papéis higiênicos de alta e boa qualidade cresceram, respectivamente, 12% e 8%, enquanto o papel higiênico de folha dupla teve um incremento de 54% (Gráfico 5).

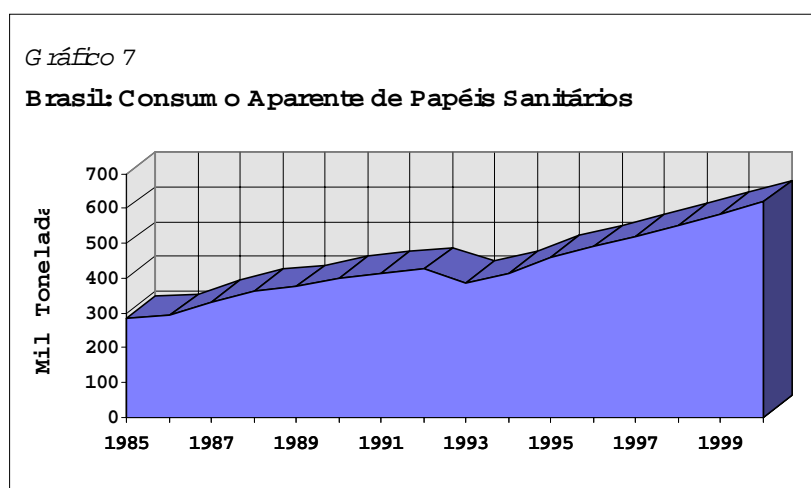


Perspectivas

Estima-se, para os próximos 10 anos, a manutenção do crescimento do consumo mundial no mesmo patamar dos últimos anos, ou seja, da ordem de 3,5% a.a. Os países em desenvolvimento continuarão a deter as mais altas taxas (ao redor de 6% a.a.), como é o caso da China, de outros países asiáticos e da Europa Oriental, onde também o incremento do turismo e das redes de *fast-food* continuarão com peso relevante. Na América do Norte, o aumento de demanda permanecerá na faixa de 1,5% a 2% a.a., enquanto que o consumo de *tissue* no Japão, na Europa Ocidental e na América Latina deverá crescer entre 3% e 3,5% a.a., impulsionado pelos crescimentos econômico e populacional e também pela elevação da renda. A acentuada correlação entre o consumo de produtos *tissue* e o PIB fortalece as perspectivas de mercado, tendo em vista a fase de crescimento que se espera para a economia mundial nos próximos anos (Gráfico 6).



No Brasil, a manutenção da estabilidade econômica pode propiciar um crescimento sustentado para o consumo de produtos *tissue* à taxa média anual de 6% nos próximos anos. Nesse cenário, o consumo nacional deverá alcançar cerca de 619 mil t no ano 2000, representando um aumento de 129 mil t (26%) em relação aos números de 1996 (Gráfico 7).



Para o atendimento do aumento previsto para a demanda, as maiores empresas do segmento planejam expansões de capacidade, o que demandará investimentos da ordem de US\$ 110 milhões (Tabela 3).

Tabela 3

Brasil: Consumo Aparente de Papéis Sanitários - 1996/2000

(Em Mil t)

| | 1996 | 1997 | 1998 | 1999 | 2000 |
|-------------------------|------|------|------|------|------|
| Consumo Aparente | 490 | 519 | 551 | 584 | 619 |
| Produção* | 520 | 546 | 573 | 602 | 632 |
| Importação | 6 | 7 | 7 | 7 | 7 |
| Exportação | 36 | 34 | 29 | 25 | 20 |

| | | | | | |
|-----------------------------|-----|-----|-----|-----|-----|
| Capacidade Instalada | 610 | 642 | 674 | 708 | 743 |
|-----------------------------|-----|-----|-----|-----|-----|

Fonte: BNDES.

*85% da capacidade instalada.

Apoio do BNDES

Os projetos de empresas de produtos *tissue* apresentados ao BNDES num período mais recente foram os da Santher e da Bacraft (Grupo Suzano). O aumento de produção previsto quando as novas máquinas estiverem operando a plena carga é de cerca de 60 mil t/ano (11% da produção brasileira de 1996). Os investimentos programados alcançam US\$ 60 milhões, e os desembolsos diretos do BNDES/FINAME já somaram US\$ 30 milhões até dezembro de 1996. A máquina da Santher (36 mil t/ano de capacidade) iniciou sua produção em julho de 1996, enquanto a partida da máquina da Bacraft (24 mil t/ano) está prevista para março de 1997.